



**"SÓ MORTO SAIREI DO CATETE!": A
MORTE DE GETÚLIO VARGAS PELO
JORNAL ULTIMA HORA (UH)**

"ONLY DEAD WILL I LEAVE THE
CATETE!": GETÚLIO VARGAS'
DEATH BY THE NEWSPAPER
ULTIMA HORA (UH)

Thiago Fidelis¹

¹ Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: fidelisrp@gmail.com

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar como o jornal *Ultima Hora* (UH) construiu e divulgou a morte de Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, em 1954, com ênfase nas fotos publicadas em suas páginas, tanto no dia do suicídio como nos dias seguintes. A ideia aqui desenvolvida é a de que a UH, que já utilizava a imagem como uma linguagem ativa e bastante significativa em suas edições, trabalhou com esse recurso para enfatizar seu ponto de vista sobre o desaparecimento do político, enaltecendo seu trabalho e buscando confirmar seu carisma e sua importância para a política brasileira.

Palavras-chave: Getúlio Vargas; Ultima Hora; Fotos.

Abstract

The main purpose of this paper is to analyze how the newspaper called *Ultima Hora* (UH) built and publicized one idea about Getúlio Vargas's suicide, when he was the president of Brazil in 1954, emphasizing the photos published on its pages, both on the day of the suicide and on the days that followed his death. We hypothesize that UH (that had already used the image as an active and quite significant language in its previous editions) worked with this resource to highlight its point of view on the politician's disappearance, extolling his work and seeking to confirm his charisma and his importance for Brazilian Politics.

Keywords: Getúlio Vargas; Ultima Hora; Photos.

Introdução

Em um jornal ou em qualquer material impresso, os textos (sejam notícias ou artigos) costumam ser apontados como os principais pontos desse documento, além das manchetes, normalmente estruturadas em clichês com caixas altas e outros destaques, chamando a atenção do leitor para aspectos que a equipe editorial pretende deixar em evidência.

No entanto, para além desses aspectos, as fotos, charges e demais imagens de um documento impressos são de extrema importância para a análise desse documento. Para além da questão imagética e da análise de discurso já evidenciado por vários autores (ORLANDI, 1992; PÊCHEUX, 1988), tais aspectos evidenciam uma outra forma de leitura não pautada na base verbal, mas sim em outros elementos dos mais variados aspectos (seja a cor, a posição, a sobreposição e o enfoque, entre outras perspectivas).

No presente artigo, a análise será baseada, estritamente, na interação entre textos e fotos,

sendo excluídas as charges e outras formas de comunicação visual presentes no jornal em questão, *Ultima Hora* (UH). Embora haja discussões bastante intensas, na bibliografia especializada, sobre a própria definição de fotografia e sua presença ou lugar dentro da imprensa em geral (KUBRUSLY, 2006), partiremos das premissas instituídas por Barthes (2000, p. 325), que especifica os seguintes parâmetros para a análise:

A fotografia de imprensa é uma mensagem. A totalidade dessa mensagem (...) constituída por uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor. A fonte emissora é a redação do jornal, o grupo de técnicos, dentre os quais uns batem a foto, outros a escolhem, a compõem, a tratam, e outros enfim a intitulam, preparam uma legenda para ela e a comentam. O meio receptor é o público que lê o jornal. E o canal de transmissão é o próprio jornal, ou, mais exatamente, um complexo de mensagens concorrentes, de que a foto é o centro, mas de que os contornos são constituídos pelo texto, título, legenda, paginação, e, de maneira mais abstrata mas não menos "informante", pelo próprio nome do jornal (pois este nome constitui um saber que pode fazer infletir fortemente a leitura da mensagem propriamente dita: uma foto pode mudar de sentido ao passar de l'Aurore para l'Hmanité).

Partindo dessa perspectiva, é importante salientar que a fotografia não é (embora esse possa ser o sentido de quem a edita e publica) um acessório ou uma estrutura para complementar o texto; ela não é um exemplo ou uma ilustração. Independente da forma como foi tirada, dos sentidos ou da intencionalidade por detrás da imagem, a fotografia é, por si só, polissêmica, carregando inúmeros aspectos que, independente dos textos (ou de outras imagens) que a cercam, funciona como uma forma de reflexão e apreensão do real (MAUAD; LOPES, 2012).

Um outro aspecto importante a ser levado em conta é a ideia de memória, uma vez que a ação do jornal Última Hora contribuiu, diretamente, para a construção da memória sobre Getúlio Vargas, ajudando a disseminar uma imagem do político brasileiro bastante influente nos dias atuais.

Em uma das conferências publicadas na obra *Lembrar, escrever, esquecer*, GAGNEBIN (2006) discutiu a importância da memória na perspectiva histórica, uma vez que há uma intensa discussão, principalmente na

historiografia, no tocante à forma como se pode pensar a memória na e para a análise historiográfica. Como a própria autora indicou:

Tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente). Tarefa igualmente ética e, num sentido amplo, especificamente psíquica: as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados. Trabalho de luto que nos deve ajudar, nós, os vivos, a nos lembrarmos dos mortos para melhor viver hoje. Assim, a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também, possa ser verdadeiro (GAGNEBIN, 2006, p. 47).

Nessa perspectiva, o campo da produção acadêmica em ciências humanas não é somente relacionado ao conhecimento científico, mas também engloba uma disputa contínua sobre a construção e manutenção da memória (aspectos que refletem na produção do conhecimento em si, uma vez que os objetos de estudo são selecionados de acordo com interesses daqueles que se dedicam a esse trabalho),

como a própria autora relatou: “a verdade do passado remete mais a uma ética da ação presente que a uma problemática da adequação (pretensamente científica) entre ‘palavras’ e ‘fatos’” (2006, p. 39).

Em relação à análise de Gagnebin, a autora utilizou também as reflexões do filósofo alemão Walter Benjamin para pensar a relação entre passado e memória. Esse analisou, em seus escritos, que o passado em si é uma articulação e não uma descrição linear; pensar o sentido histórico e memorialístico não é uma busca pelo que aconteceu, mas sim uma organização de fatos e pensamentos para pensar ou refletir sobre algo ou alguma situação. No texto “Sobre o conceito de história”, Benjamin fez uma referência ao quadro *Angelus Novus*, do pintor alemão Paul Klee, indicando a relação entre passado e presente perante os acontecimentos e ao próprio desenvolvimento da humanidade:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O

anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1987, p. 226).

É possível identificar, então, que a memória é um dos elementos de manutenção da noção de experiência e tempo de nossa sociedade. Pensando sobre as unidades de medidas temporais - principalmente o relógio e o calendário - é suscetível pensar que o encadeamento de ações que nos dão a percepção de que o “tempo passa” tem na memória um de seus principais responsáveis, e tal percepção é muito viva desde tempos antigos.

E, do ponto de vista histórico e iconográfico, as imagens são elementos fundamentais para a construção da memória sobre um

determinado assunto, muitas vezes dizendo e exemplificando mais do que textos ou depoimentos. Assim, nesse diálogo entre imagens e perspectivas memorialísticas, esse texto procurou apresentar como a UH retratou a morte de Getúlio Vargas, já em consonância com sua cultura política e legado.

Última Hora: criação, contexto e organização empresarial

Após quase quinze anos no poder, sendo grande parte desse período de maneira autoritária e ditatorial (PAULO, 1994), em 1950 Getúlio Vargas fora eleito pela primeira vez, em votação direta, como presidente da República, voltando a ocupar o cargo em 1951 (D'ARAÚJO, 1992).

As primeiras ações de Vargas como presidente foram cobertas com um viés bastante negativo pelos principais veículos de comunicação do país, que alternavam entre acompanhar suas movimentações à distância ou criticar, praticamente, todas as suas ações. Tal postura ocorre, sobretudo, devido à censura

sofrida no período do *Estado Novo* (CAPELATO, 2009), bem como às diferenças políticas, já que praticamente todos os grupos que controlavam as publicações eram ligados a uma cultura política distinta daquela estruturada pelo político em questão (SODRÉ, 1966).

Um dos poucos repórteres que acompanharam Vargas foi Samuel Wainer, que publicou uma entrevista em 1949 a qual confirmara que o então senador seria, de fato, candidato à presidente da República (FIDELIS, 2018a). Essa reportagem causou grande furor na política brasileira no período e, a partir daí, os dois estreitaram os laços, a ponto de, segundo as memórias do jornalista, o então presidente ter proposto, em 1951, que ele criasse um novo jornal o qual pudesse buscar espaço, dentro do campo da imprensa, para divulgar as ações de seu governo em uma perspectiva positiva (WAINER, 1988, p. 127).

Em 12 de junho de 1951 nasceu a UH, com o intuito de defender os posicionamentos do governo Vargas, mas também de aproximar-se mais da população

com menor renda da cidade (já que ler jornal ainda era um hábito caro e pouco comum). Para isso, a estratégia utilizada pela equipe editorial do jornal foi de não falar somente sobre política em suas páginas, mas também de abordar outros temas mais “próximos” à população como questões do cotidiano, cultura e esporte, entre outros.

Na coluna à esquerda da capa da primeira edição, há uma carta de felicitação mandada por Vargas para o jornal, na qual o presidente reconheceu a importância da publicação para a democracia do país, indicando a necessidade de um novo canal popular de comunicação. Nessa primeira edição foi inaugurada também a coluna *O Dia do Presidente*, que trazia o cotidiano do mandatário brasileiro, tanto em ações políticas quanto em aspectos comuns, utilizando uma tática bastante interessante de procurar aproximar o leitor da figura humana de Getúlio, e não apenas de seu já conhecido lado político ou institucional. Partindo dessa perspectiva, o jornal passou a ter um número expressivo de tiragens

e grande sucesso, conseguindo concorrer diretamente com os principais diários do Rio de Janeiro e de São Paulo (BARROS, 1993, p. 63-71).

Durante os três anos e meio do governo de Vargas, a UH manteve-se ao seu lado nos principais momentos de crise, mesmo mantendo um caráter crítico em determinadas situações (FIDELIS, 2018b, p. 292-293). O principal alvo da publicação era Carlos Lacerda, proprietário do jornal *Tribuna da Imprensa* (TI) e um dos principais opositores do presidente, ocupando espaço também em outras publicações e em redes de televisão (em especial nas redes Tupi e Globo) para criticar, massivamente, Vargas e seu legado (MENDONÇA, 2002).

Tal aspecto, inclusive, quase levou ao fim da publicação de Wainer. O proprietário da TI começou, em seus textos, a bater cada vez mais na tecla de que a UH era favorecida por investimentos de membros ligados ao governo (incluindo empréstimos do Banco do Brasil) de maneira mais ostensiva do que as outras publicações, causando uma concorrência

injusta. Essa narrativa era utilizada para justificar porque a UH, em pouco menos de dois anos de existência, tornara-se o segundo maior diário em circulação no Brasil, ficando apenas atrás do *Globo* e tendo mais que o dobro de edições diárias que o jornal de Lacerda (LAURENZA, 1998, p. 52).

No primeiro semestre de 1953, Wainer lançou também a revista *Flan*, publicação semanal que abordava diversos assuntos relacionados à política e cultura em geral, procurando tornar-se concorrente das duas principais publicações da época, o semanário *O Cruzeiro*, de Assis Chateaubriand e *Manchete*, de Adolph Bloch. O lançamento dessa nova publicação teria açulado seu antigo patrão contra ele, uma vez que a revista foi vista como um passo para consolidar um futuro império jornalístico, que rivalizaria com o dele, já construído (WAINER, 1988, p. 166). Assim, seu ex-chefe tornar-se-ia mais um poderoso inimigo, organizando-se para acabar com a rápida ascensão de seus empreendimentos.

A recém-fundada *TV Tupi*, parte da rede de Chateaubriand,

foi utilizada como uma fonte importante de ataque a Wainer, com Lacerda ganhando espaço dentro da emissora exatamente para centrar ataques a Vargas e também a ele e aos seus empreendimentos (WAINER, 1988, p. 166-167). O recrudescimento ficou cada vez mais intenso, sendo que, após várias insinuações e alguns pedidos já protocolados na Câmara, em 03 de junho de 1953 foi instituída a *CPI da Última Hora* pela Resolução n. 313, que também integrava a Resolução n. 314, que pedia a investigação das transações do Banco do Brasil com todas as empresas jornalísticas naqueles últimos dez anos (MENDONÇA, 2002, p. 135).

A CPI foi presidida por Castilho Cabral, membro do *Partido Trabalhista Nacional* (PTN) e ex-integrante do PSP, contendo membros do PSD, da UDN e do PTB. Na perspectiva do diretor da UH, seria algo rápido e sem grandes consequências; no entanto, o processo arrastou-se por mais de cinco meses, arrolou 27 depoimentos e foi um espaço que teve ampla reverberação nas páginas da TI e da imprensa em geral, seja escrita ou falada.

Em uma das transmissões em rede televisiva, Lacerda acusou Wainer de não ser brasileiro. Em 14 de julho, o dono da TI destacou o artigo 160 da Constituição que vetava o controle de qualquer órgão jornalístico por um estrangeiro e afirmou que tinha elementos para comprovar que o dono da UH vinha da região da Bessarábia, que não tinha nascido no Brasil.

A pressão continuou bastante intensa, sendo que o próprio Wainer se defendeu das acusações em depoimentos para a CPI, assim como Lacerda foi convidado para expor seus argumentos e também vários outros membros ligados à UH e ao BB. Após exaustivos trabalhos, foram demonstradas inúmeras irregularidades nas transações entre a instituição financeira e o jornal carioca, com valores auditados que não conferiam com os que haviam sido passados pelo diretor do jornal e por alguns envolvidos nas transações (GUIMARÃES, 2011, p. 91-104)

A questão da nacionalidade não traria problemas jurídicos em um primeiro momento, mas não evitou que Wainer passasse pela

prisão. Por ordem do Ministério Público, o jornalista ficou retido por 10 dias ao negar-se, em seu primeiro depoimento, a esclarecer mais dados sobre sua origem e a citar quem eram suas fontes financeiras (LAURENZA, 1998, p.125). Relacionado a esse ponto e também ao imenso desgaste que esse episódio causou politicamente, a UH começou a perder inúmeros anunciantes e a revista *Flan* duraria menos de dois meses após o fim da CPI.

Embora Wainer tenha sido solto (voltou a ser preso por desdobramentos desse aspecto em 1955, mas também por pouco tempo), tais acontecimentos podem ser indicados como o início do processo de fragilidade do já instável governo Vargas, uma vez que seus opositores indicavam que o presidente teria utilizado de meios para favorecer um veículo de comunicação em detrimento dos outros, o que seria um crime. E, obviamente, a virulência de Lacerda contra Vargas (e também contra Wainer, pois mesmo com toda essa crise, a UH ainda continuava mais popular que a TI) aumentou ainda mais.

O atentado da Rua Toneleros e os momentos finais de Vargas

Na madrugada do dia 05 de agosto de 1954, no Rio de Janeiro, Carlos Lacerda voltava de um comício, uma vez que estava tentando uma vaga na Câmara Federal. Devido a seus textos e discursos, Lacerda colecionava inimigos e, por temer atentados contra sua própria vida, andava sempre armado e com, pelo menos, um segurança. Nessa madrugada, estava acompanhado de um major da Aeronáutica, Rubens Florentino Vaz, e de seu filho mais velho, Sérgio (DULLES, 1992, p. 175-177).

Embora várias versões foram dadas para as causas desse acontecimento, o fato é que o militar que acompanhava Lacerda morreu e o próprio jornalista foi ferido, colocando toda a culpa do acontecimento em Vargas e no grupo de seu entorno (MENDONÇA, 2002, p. 147-151). Após uma investigação extremamente conturbada e com muitas informações desconstruídas, em alguns dias o segurança pessoal de Getúlio

Vargas, Gregório Fortunato, foi apontado como mandante do crime, detonando as poucas bases que ainda restavam do governo em questão (DULLES, 1992, p. 181).

A partir desses aspectos, a imprensa em geral passou a pedir, abertamente, o afastamento de Vargas da presidência, indicando que, independentemente de ser culpado ou não, o atual mandatário não possuiria mais condições de manter a coesão dentro do governo, prejudicando o desenvolvimento do país (D'ARAÚJO, 1992). A UH reagiu a tal questão e indicou que, ao contrário do que vários órgãos de imprensa noticiavam, a situação no Brasil não era catastrófica e o povo não estava contra o presidente, mas sim dando suporte a ele nesse momento tão complexo:

Quem ouve as estações de rádio ou lê os jornais tem a impressão de que o povo brasileiro está louco pela deposição do Sr. Getúlio Vargas. É só em nome do povo que se fala. Cada provocador do microfone ou da pena sente-se imediatamente mandatário do povo e passa a falar grosso como se atrás de si trouxesses legiões de criaturas, prontas a investir contra o primeiro que lhe contrariasse a ambição mesquinha de conquistar o govêrno sem eleição (...) Vimos o

que tem sido a agitação dêsses últimos quinze dias. Não houve um minuto do dia nem da noite que não se tentasse envenenar a opinião pública com boatos os mais alarmantes, com notícias as mais mentirosas, tentando fazer crer que o povo estava disposto a derrubar o govêrno (...) No entanto, o povo mostrou-lhe as costas, seu significativo desprezo (...) (UH, *O Povo Que Eles Mobilizam*, 23/08/1954).

Na madrugada do dia 23 para o dia 24 de agosto, Vargas convocou uma reunião com todos os ministros para debater a situação. Havia uma apreensão muito grande no meio político, uma vez que os vários órgãos do Exército se mobilizavam e os ministros militares tentavam conter suas tropas (pois muitos eram a favor do afastamento do mandatário), ao mesmo tempo em que continuavam próximos do presidente e tentavam resolver a situação (FAUSTO, 2006, p. 190).

Além das declarações dos membros da Aeronáutica, começavam a chegar informações desencontradas, mas todas relacionadas às movimentações intensas de vários grupos (civis e militares) cada vez mais mobilizados para afastar Vargas do poder. Em suas memórias, Samuel Wainer indicou

que o presidente estaria disposto a forçar um enfrentamento mais amplo entre seus seguidores e setores do Exército fiéis a ele contra os grupos que estavam forçando sua saída, já que não visualizava mais nenhuma possibilidade de entendimento:

Na noite de 22 de agosto, recebi em minha casa a visita de Maneco Vargas, com um recado do pai. Cabisbaixo, abúlico, Maneco era a imagem do regime agonizante. Getúlio queria saber se eu estava disposto a lançar o jornal à frente de uma contra-ofensiva destinada a conter o golpe em marcha. Disse a Maneco que resolvera ficar com o presidente até o fim, até porque não me restava qualquer outra saída. Maneco então contou-me que naquela manhã, durante uma reunião do Ministério, Getúlio fizera uma declaração patética: "Só morto sairei do Catete." O presidente queria saber se eu topava publicar a frase em manchete na edição do dia 23. Seria a senha para a resistência a ser desencadeada no dia 24. Concordei de imediato, embora ponderasse que uma frase tão forte poderia detonar reações violentas tanto entre os militares golpistas quanto entre a massa fiel a Getúlio. Maneco esclareceu que o objetivo era precisamente esse: forçar o confronto (WAINER, 1988, p. 202-203).

Independentemente das afirmações de Wainer serem

verdadeiras ou não, o diretor da UH publicou a capa de sua segunda edição com uma foto de Vargas e com a forte manchete, indicando que ele não deixaria o posto pelo qual fora eleito democraticamente e também que resistiria até o fim pelo mandato:

Imagem 1 – Capa da segunda edição da UH, de 23/08/1954, com as movimentações em torno de Vargas e da sua manutenção do poder.



Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Embora com textos explicativos, o impacto da capa é ligado, diretamente, à combinação entre a imagem altiva de Vargas, no

canto superior esquerdo, aliada à manchete extremamente provocativa, indicando a resistência que o presidente demonstrava em relação a qualquer possibilidade de afastar-se do cargo para o qual fora eleito.

No entanto, tanto os opositores quanto os próprios aliados de Vargas davam sua saída como certa. Nas primeiras horas do dia 24 de agosto, os ministros continuavam reunidos com Vargas e, madrugada adentro, tentavam encontrar uma solução para a situação atual. Ao fim da reunião oficial, já no meio da madrugada, ficou acertado que o presidente licenciaria-se do cargo sem, contudo, renunciar em definitivo. Após o acerto, Tancredo Neves, ministro da Justiça, redigiu uma nota e divulgou à imprensa, indicando a decisão deliberada. Com curtas declarações, o texto foi publicado na UH, na edição do dia 24:

“O Presidente da Republica reuniu hoje o Ministerio para o exame da situação politico-militar criada no País. Ouvidos os Ministros, cada um de per si, foram debatidos longamente os diversos aspectos da crise e

as suas graves consequências. Deliberou o Presidente Getúlio Vargas, com integral solidariedade dos seus Ministros, entrar em licença, passando o Governo ao seu substituto legal, desde que seja mantida a ordem, respeitados os Poderes constituídos e honrados os compromissos solenemente assumidos perante a Nação pelos oficiais – generais de nossas Fôrças Armadas. Em caso contrario, persistiria inabalável no seu propósito de defender as suas prerrogativas constitucionais, com sacrifício, se necessário, da sua própria vida." (UH, *Nota Oficial Sobre a Crise Político-Militar*, 24/08/1954).

Recolhido em seus aposentos, Vargas desejava ficar só, mas, com o volume intenso de notícias, tal fato era praticamente impossível. Dentre as várias notícias que recebeu, duas delas teriam sido as mais importantes, ambas dadas por seu irmão Benjamin: a primeira de que ele próprio teria sido intimado para depor na base do Galeão e que o presidente, possivelmente, também o seria. Posteriormente, de que os oficiais revoltosos não aceitaram o pedido de licença e continuavam firmes no propósito da renúncia do mandatário. Caso contrário, haviam ameaçado uma greve, além de vários rumores de que um golpe já estava preparado

para tirar o político gaúcho do poder, em definitivo (DULLES, 1967, p. 350).

Independentemente das motivações e de como tudo sucedeu, por volta das oito horas da manhã, o presidente recolheu-se em definitivo aos seus aposentos. Pouco tempo depois (há várias imprecisões em relação ao horário exato) ouviu-se um estrondo vindo da suíte presidencial. Inúmeras obras dão diferentes versões sobre quem chegou primeiro ao quarto, se o presidente teria dito algo ou apenas dado os últimos suspiros. Todas essas versões convergem para um ponto em comum: em instantes, o quarto estava cheio de pessoas e, em poucos segundos, com um tiro no peito, Getúlio Vargas estava morto.

A morte de Vargas pela UH

Um desses nomes que presenciou a morte de Vargas foi o repórter Luís Costa, que teria ligado, em prantos, à redação da UH e avisado Wainer do ocorrido. De acordo com suas memórias publicadas, o jornalista acessou as emissoras

de rádio e escutou todas dando a notícia em grande destaque. Vários de seus funcionários choravam compulsivamente ou estavam desmaiados, além dos outros que estavam perplexos com a notícia (WAINER, 1988, p. 205). A manchete do dia anterior ainda estava composta em chumbo para a impressão e, aproveitando os dizeres (que, naquele momento, tornaram-se proféticos), ele compôs a capa do dia com a mesma expressão e foto, acrescentando um texto pedindo a manutenção da ordem e enfatizando o “furo” dado pelo jornal na edição anterior (WAINER, 1988, p. 205). Além disso, a edição saiu já naquela manhã (pouco tempo após ele saber do fato) e, a partir daí, várias unidades foram compostas para dar conta da demanda, já que todos queriam informar-se mais sobre a morte do presidente:

Imagem 2 – Capa da primeira edição da UH do dia 24/08/1954, tornando-se uma das mais famosas da história da imprensa do Brasil.



Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Com um dia de diferença, o jornal publicou a mesma parte superior em suas capas. No entanto, na segunda vez, o sentido era completamente distinto da primeira, visto que, o que parecia uma ameaça megalomaniaca da primeira vez, transformara-se em uma realidade chocante na segunda, conforme o clichê no canto superior esquerdo chamou a atenção (MATOU-SE VARGAS)

e a afirmação acima da foto, indicando que “O PRESIDENTE CUMPRIU SUA PALAVRA”. Com toda a primeira página dedicada ao acontecimento, novamente aqui os textos possuíram um sentido complementar, coadjuvantes às afirmações duras e à mesma foto de Vargas da véspera.

A publicação da mesma foto aumentou ainda mais o contraste, uma vez que, se da primeira vez a ideia era demonstrar força e ímpeto de Vargas, na segunda houve essa mesma intenção, embora a morte concretizada indicava que tal reação não fora, exatamente, no sentido de reverter a situação dentro das negociações políticas, mas sim com um ato extremado, acabando com a própria vida. Assim, essa força indicada pela foto não era física, mas passara a ser, de acordo com esse novo fator, algo relacionado ao caráter, às ações do presidente em si.

Ao lado do corpo, havia um envelope com uma carta datilografada que passou a ser chamada de Carta Testamento. Nesse documento, Getúlio fez um longo libelo contra os opositores de seu governo, indicando que

forças nacionais e internacionais se juntaram para inviabilizar suas ações e que ele se lamentava muito por não ter feito mais pelo povo brasileiro (D'ARAÚJO, 2011, p. 772-773).

O tom grandiloquente dos discursos de Vargas manteve-se nas palavras desse documento, corroborando a versão bastante enfatizada, nos últimos dias da crise, pela UH: de que o governo e, em especial, a figura do presidente, era vítima de um grande complô contra a sua figura, afetando todo o povo brasileiro, em especial os mais pobres e os desvalidos, ou seja, seus eleitores.

Desse modo, consolidava-se a figura do mito, do líder político que preferiu perder a vida a sucumbir às injustiças e às pressões daqueles que não queriam ver seus planos em prática (sendo que o objetivo do presidente seria, dentro de sua própria narrativa, beneficiar os mais necessitados do país). Além disso, a oposição também se alimentou e deu combustível para essa criação, uma vez que, em muitos casos, o fim do governo de Vargas tornou-se a razão de ser de muitos parlamentares da

UDN (e, de certa forma, do próprio partido) e de vários outros meios de divulgação. Consolidava-se, assim, a figura do mito, daquele que esteve na política, mas que a transcendeu, estando acima das disputas no campo e, como prova, oferecendo seu corpo em holocausto:

O mito só pode ser compreendido se é intimamente vivido, mas vivê-lo impede dar-se conta dele objetivamente. Objeto de estudo, ele tende, inversamente, a imobilizar-se em uma sucessão de dados estatísticos; tende, igualmente a se esvaziar de seu conteúdo emocional, ou seja, do essencial de si mesmo (GIRARDET, 1987, p. 23).

E as imagens, assim como os textos, contribuíram enormemente para tal aspecto. No dia da morte do presidente, circularam três edições da UH e, segundo Wainer, foram quase 800.000 jornais vendidos², sendo que as rotativas teriam funcionado mais de 20 horas sem parar (WAINER, 1988, p. 205).

Embora pedindo pacificidade ao povo (em alguns textos das três edições, o jornal destacara esse comportamento), a UH explorou de maneira bastante intensa a morte de Vargas. É importante

destacar que, na primeira edição feita às pressas, nota-se distintas temporalidades: havia notícias relacionadas ao afastamento do presidente (repercussão da nota de Tancredo, comentada por Lourival Fontes para o jornal), bem como vários pequenos textos falando da reunião da madrugada e das expectativas em relação ao futuro do governo. Na coluna *O Dia do Presidente*, havia a repercussão da possível licença de Vargas e de como a situação política ficaria no período, tendo uma pequena nota no final (provavelmente redigida durante a impressão) indicando que a coluna chegava ao fim pela trágica morte de seu sucessor. Abusando de imagens e textos laudatórios, as três edições exploraram continuamente o falecimento, acompanhando o ritmo dos acontecimentos na capital:

² No dia 24 foram publicadas duas edições para além da tradicional. Em todas as capas eram publicadas o número da tiragem e, nessas, os números foram os seguintes: 130.000 jornais na primeira (que é a publicação mais famosa, a imagem 28) e as duas outras apresentaram a contagem de 304.000. Somando esses dados, o número final seria de 738.000 diários publicados (não, necessariamente, vendidos ou lidos).

Imagem 3 – Imagens de Vargas com a família, reforçando sua atitude paterna e conciliatória com a população. Página da segunda edição da UH, de 24/08/1954.



Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Imagem 4 – Complementando a imagem de Vargas com a família, a página seguinte trouxe uma edição com várias fotos do ex-presidente em pose paternal com a população, com uma clara aproximação entre os dois aspectos, indicando que o político gaúcho tratava o povo como se fosse seus próprios familiares. Página da segunda edição da UH, de 24/08/1954.



Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Nessas duas páginas, tanto a disposição quanto o conteúdo procuram resgatar a imagem de Vargas construída durante o Estado Novo: a de que ele não era apenas um político “comum”, mas sim alguém que realmente

se preocupava com as pessoas, governando para o bem de todas elas (CAPELATO, 2009). Além disso, os títulos das duas páginas (“GETÚLIO – O CHEFE DE FAMÍLIA” E “GETÚLIO O AMIGO DO POVO”) servem como uma espécie de complemento às imagens, demonstrando que o presidente falecido não era a figura desprezível descrita pelos seus opositores, mas sim alguém que valorizava a família e extremamente próximo do povo.

Sendo assim, é possível delimitar que a UH foi uma das principais responsáveis pela construção da imagem de Vargas como um mito, no sentido apontado por GIRARDET (1987), uma vez que suas publicações, na semana posterior à morte do presidente, foram extremamente laudatórias, não abrindo espaço para críticas ou ideias contrárias às dele (FIDELIS, 2018a). A publicação utilizou, de maneira bastante intensa, as fotos como forma de registro, aspecto pouco usual na imprensa do período. O jornal até emitiu uma nota desculpando-se com seus leitores por não publicarem de maneira linear seus textos, uma

vez que a Redação ainda estaria abalada e ocupada com toda a repercussão do suicídio de Vargas, algo totalmente fora de cogitação em sua visão:

Imagem 5 – Capa da edição da UH de 25/08/1954, com o corpo de Vargas e uma pessoa próxima, beijando a esquife.



Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Imagem 6 – Principais personagens próximos a Vargas registrados pelas lentes da UH no velório, em sentido horário: Lutero Vargas, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Juscelino Kubitschek e João Goulart. Publicado na edição de UH, 25/08/1954.



Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Na imagem 5, uma única foto toma mais da metade da página, enfatizando a dor e a devoção de uma pessoa (de identidade não apontada), sem vínculo anterior com o presidente. Essa ênfase da publicação procurou dar o tom da reação popular à morte do mandatário, uma vez que o beijo dado no esquife demonstra um misto de carinho e dor, dando a entender que essa seria a reação das pessoas, de maneira geral.

Já na imagem seguinte, essas quatro fotos (espalhadas pelas

páginas do jornal) procuraram enfatizar também as homenagens e reverências prestadas pelas principais figuras políticas próximas a Vargas, indicando a lealdade que esses tinham com ele. Assim, além do povo, as principais figuras políticas do país também estavam próximas do presidente morto, sofrendo sua perda irreparável.

Por fim, a Carta Testamento, que desde o suicídio passou a ser tema de inúmeras controvérsias, continuou a ser explorada de maneira intensa. O suicídio de Vargas demarcou o trágico desfecho de seu governo, não cedendo aos apelos dos opositores e de muitos de seus apoiadores para licenciar-se do poder. Além de acabar com a própria vida, o presidente deixou um envelope próximo de sua cama, com uma carta datilografada que passou a ser chamada de Carta Testamento. Nesse documento, Getúlio fez um longo libelo contra os opositores de seu governo, indicando que forças nacionais e internacionais se juntaram para inviabilizar suas ações e que ele se lamentava muito por não ter

feito mais pelo povo brasileiro (D'ARAÚJO, 2011, p. 772-773). A leitura da carta foi um recurso repetido exaustivamente pelas emissoras de rádio, aumentando ainda mais a dramaticidade do caso, uma vez que ficava evidente que o suicídio fora premeditado, e não um rompante desesperador. Embora, posteriormente, Lacerda e a imprensa tenham questionado a autenticidade do documento, há vários indícios de que o presidente havia pensado seus principais pontos (foram encontrados, ao longo dos últimos dias, vários pequenos textos com Vargas encontrados na carta) e, após investigações, chegou-se ao jornalista José Soares Maciel Filho, que teria admitido ter datilografado a carta (mas não a escrito; a suspeita ocorrera porque era ele quem escrevia boa parte dos discursos do presidente) (SILVA, 1978, p. 283-286).

Mesmo com a situação política extremamente intrincada, Vargas conseguiu estruturar uma saída diferente do que qualquer grupo político poderia esperar, arriscando seu legado e capital político com uma ação extremada. Além de mobilizar enorme comoção,

também teria pensado em como manter sua lembrança no imaginário de grande parte da população, permanecendo entre as pessoas (e, conseqüentemente, no meio político) por um período muito maior do que seus adversários gostariam.

O impacto da morte acabou mudando o cenário político nacional, uma vez que a UDN via cada vez mais iminente a saída do presidente e próxima de exercer uma possível influência no governo, já que o vice-presidente Café Filho havia se aproximado dos opositores por várias discordâncias com a política exercida por Vargas (BENEVIDES, 1981, p. 89-90). A partir daquele momento, os grupos ligados a Vargas que estavam preocupados com os últimos acontecimentos voltaram a estar no centro das atenções políticas, pois a morte do presidente causara uma extrema comoção nacional.

Imagem 7 – Em várias edições, uma frase da Carta Testamento sempre vinha acompanhada de imagens do transporte do corpo ao avião que o levaria a São Borja. A imagem acima é a capa da segunda edição do dia 25/08/1954.



Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Levando em conta a imagem 7, há um complemento das fotos do velório, sendo que as duas colocadas nessa capa, aliadas à manchete e aos trechos da Carta Testamento, reforçam a construção do jornal de Vargas como um grande líder popular e carismático, que deixava para trás não apenas eleitores, mas sim uma legião de admiradores e,

porque não, de “filhos” e “filhas” devotos e fiéis, acompanhando seu “pai” até o final. A primeira foto, de uma legião de pessoas acompanhando o esquife para embarcar à terra natal do falecido, São Borja, simboliza bem todas essas questões, sendo que o pequeno texto na capa, acompanhando as fotos, funciona um mero complemento, sem acrescentar nada substancial ao impacto da imagem principal na capa da segunda edição.

Corroborando tais aspectos, nessa mesma edição, foi publicado um texto intitulado *Adeus*, com um perfil praticamente hagiográfico sobre o presidente morto. Nesse espaço (embora nas outras páginas escritas tal aspecto já era bastante óbvio) ficou grafada, de fato, a forma como a UH descrevia o político para seus leitores, enfatizando ainda mais suas características positivas perante a crise política e pelo trágico desaparecimento de Getúlio:

Tombou o maior líder popular que nossa história jamais conheceu. Encerrou-se a vida do único homem ao qual nossos destinos foram por três vezes consecutivas confiados (...) As agruras de um momento crucial

não lhe tolheram o raciocínio, não o entibiaram, não o levaram a trair a confiança que lhe outorgaram milhões de brasileiros. Nem mesmo o ódio encontrou guarida em seu espírito, acrisolado pelo sofrimento. Acima das paixões, sereno, sabendo que os homens valem pouco, o que importa são os princípios que encarnam, teve humildade cristã de perdoar, e os sentimento de brasilidade, a preocupação de transmitir uma derradeira mensagem de amor aos pequeninos, de apontar rumos a todos que amam a Pátria e querem vê-la livre de exóticas influências, indicando caminhos a seguir, aqueles mesmos que sempre percorrera (...) Curvemo-nos reverentes ante o ataúde desse Chefe de Estado que mesmo depois de morto mobiliza, para uma última homenagem, a massa humana que desfila ante seu cadáver (...) (UH, *Adeus*, 25/08/1954).

Conclusão

As fotos utilizadas no artigo, dentre as inúmeras publicadas na UH, foram extremamente importantes para sinalizar a intencionalidade proposta pela publicação da valorização da imagem de Vargas e de sua visão como não somente um político, mas sim como o principal nome

no Brasil no momento (e, porque não, um dos maiores de todos os tempos).

Combatendo as críticas negativas das outras publicações (já que muitas, mesmo prestando condolências ao presidente morto, não deixaram de apontar suas falhas e contradições), a UH buscou ampliar, tanto para consolidar sua visão como para atrair maior público interessado em comprar suas edições, a ênfase na injusta partida de Vargas, pedindo ao povo que lembrasse bem, nas próximas eleições, daqueles que tinham contribuído para tal fato (FIDELIS, 2018a).

E, dentro desse arcabouço, as imagens foram fundamentais para tal construção, uma vez que essas, diferentemente do usual nos jornais (comumente, as fotos eram utilizadas como ilustrações, complementos da notícia escrita), foram estruturadas como significantes centrais, invertendo a lógica comum nas publicações, indicando a ausência de textos ou esses como apoio e complemento das fotos.

Sendo assim, esse aspecto foi uma das inovações colocadas

pela UH (BARROS, 1993) que, a partir desse fato histórico, delimitou sua perspectiva política, deixando-a clara e, ao mesmo tempo, utilizou algumas inovações jornalísticas no período (ABREU, 1996), tendo as fotos uma dimensão fundamental nessa movimentação.

Logo, a publicação carioca, ao explorar e construir as imagens em perspectiva laudatória, manteve sua perspectiva política ao indicar Vargas não somente como um político, mas sim como um nome que mudara o Brasil e continuaria influenciando em sua política e sociedade, sendo que a própria UH comprometera-se em manter o legado e continuar construindo e mantendo a memória do político da maneira que, segundo o jornal, ele merecia.

Referências

ABREU, A. (org.). **Imprensa em transição**: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BARROS, T. Imprensa era dominada por um grupo familiar até 1950. In: CAMPOS, A. (org.). **Nos tempos de Wainer**: a Última Hora de Samuel. Rio de Janeiro: ABI-Copim, 1993.

BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In: LIMA, L. (org). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 325-338.

BENEVIDES, Maria V. **A UDN e o udenismo**: Ambiguidades do liberalismobrasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Obras escolhidas, v. 1).

CAPELATO, M. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

D'ARAÚJO, M. (org). **Getúlio Vargas**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011 (Série perfis parlamentares; n. 62).

D'ARAÚJO, M. **O segundo governo Vargas 1951-1954**: democracia, partidos e crise política. 2º ed. São Paulo: Ática, 1992 (Série Fundamentos; 90).

DULLES, J. **Carlos Lacerda**: a vida de um lutador. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, 2 v.

DULLES, J. **Getúlio Vargas**: Biografia Política. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1967.

FAUSTO, Boris. **Getúlio Vargas**: o poder e o sorriso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FIDELIS, T. **PRETO NO BRANCO**: as crises políticas institucionais pelas páginas de O Estado de S. Paulo e Última Hora (1954/1956). Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2018a.

FIDELIS, T. **Samuel Wainer**: entre Diretrizes e Última Hora. PPGHIS/UnB N°33, Brasília Ago – Dez, 2018b.

GAGNEBIN, Jeanne M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed.34. 2006.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GUIMARÃES, Maikio. **Caso última hora**: a crise que mudou o curso da história. Porto Alegre: BesouroBox, 2011.

KUBRUSLY, C. **O que é fotografia?**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LAURENZA, Ana M. de A. **Lacerda x Wainer – O corvo e o bessarabiano**. 2º ed. São Paulo: SENAC, 1998.

MAUAD, A.; LOPES, M. História e Fotografia. In: CARDOSO, C.; VAINFAS, R. (orgs). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MENDONÇA, M. **O demolidor de presidentes**. 2ªed. São Paulo: Códex, 2002.

ORLANDI, E. **As Formas do Silêncio**. Campinas: UNICAMP Editora, 1992

PAULO, H. **Estado Novo e propaganda em Portugal e no Brasil**. O SPN/SNI e o DIP. Coimbra: Livraria Minerva, 1994 (Coleção Minerva-História 11).

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Campinas: UNICAMP Editora, 1988.

SILVA, Hélio. **1954: um tiro no coração**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

SODRÉ, N. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

WAINER, S. **Minha razão de viver: memórias de um repórter**. Rio de Janeiro: Record, 1988.